


## Terra arrasada: a estética do esvaziamento no “complexo internético” neoliberal

*Mirella Carvalho do Carmo* \*

Doutoranda em Letras: Estudos Literários, na área de concentração Teoria da Literatura e Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIT/UFMG). Graduada e mestra em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). É integrante do Grupo de Pesquisa “Linguagem Literária e Educação Estética” (CNPq/UFLA) e do Grupo de Pesquisa “A educação dos afetos na formação inicial e continuada do professor e do discente da escola básica” (CNPq/UFSJ).

 <https://orcid.org/0000-0003-2851-7792>

**Recebido** em 15 jan. 2025. **Aprovado** em: 22 fev. 2025.

### Como citar esta resenha:

CARMO, Mirella Carvalho do. Terra arrasada: a estética do esvaziamento no “complexo internético” neoliberal. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e6288, dez. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17808990.

### Livro resenhado:

CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. São Paulo: Ubu editora, 2023. 185 p.

Nos versos do poema “O sobrevivente”, publicado em *Alguma Poesia* (1930), Carlos Drummond de Andrade (2015, p. 29) nos adverte: “Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado/ E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio”. Com isso, o itabirano nos alerta, já nos princípios do século XX, sobre como a modernidade tecnológica — dentre outros fatores — impôs-nos um novo olhar sobre o mundo, mundo este no qual “paletós abotoam-se por eletricidade” e “amor se faz pelo sem-fio”, ao mesmo tempo em que os sujeitos “matam-se como percevejos” (Andrade, 2015, p. 29).

Em consonância com Drummond, Jonathan Crary (2023) inicia seu livro *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista* afirmando que um futuro habitável e partilhável em nosso planeta só será possível off-line. Em outras palavras, a vida na Terra — vida em sentido amplo, não só a humana — depende da adoção de estilos de (so)brevivência coletivos, longe do “complexo internético” e da devastação engendrada pelo sistema capitalista.

\*

 [carvalho.m2108@gmail.com](mailto:carvalho.m2108@gmail.com)

Mais do que um mero espaço de entretenimento e compartilhamento de informações, o “complexo internético” é a mola propulsora de vícios, falsas esperanças, violências, manipulações ideológicas, dívidas, ansiedades, casos de depressão, degradação ambiental e, ainda, um mecanismo de corrosão da memória.

Vivemos em uma realidade na qual somos praticamente incapazes de criar memórias e relações interpessoais duradouras. Na era da conexão digital, em que as fronteiras de espaço-tempo são invisíveis, permitindo-nos contatar sujeitos de quaisquer partes do mundo, estamos, quiçá como nunca, imersos na solidão de uma humanidade desconectada de si mesma. Pensando nisso, Crary (2023) nota que dia após dia muitas pessoas sentem o empobrecimento de suas vidas, de suas esperanças, mas ainda assim possuem apenas uma vaga compreensão de que tal esvaziamento não é uma situação particular, ou seja, restrita a determinados grupos de indivíduos. Em suma, enquanto sociedade, situamo-nos diante de um progressivo achatamento de nossas subjetividades, de nossos afetos e de nossas experiências coletivas.

Por falar na dificuldade de construir experiências significativas frente ao capitalismo que cerceia nossas ideias e percepções acerca de nós mesmos e de nossas interações com a natureza e com os outros, é válido recorrermos a Walter Benjamin. Benjamin (1985), caminhando na contramão do sujeito cartesiano de René Descartes, assinala que a experiência não é apenas um ato cognitivo, na medida em que ela também envolve a percepção sensorial e a relação dos sujeitos com o mundo. Sendo assim, no contexto moderno, em que a vida cotidiana se torna fragmentada e mediatizada, Benjamin nota um declínio da experiência. Tal declínio e/ou pobreza de experiência inviabilizou o que o teórico nomeia de “experiência autêntica”, uma vez que passa a vigorar na modernidade a “experiência inautêntica”, isto é, a vivência do indivíduo isolado, autocentrado, em oposição à construção e à partilha de conhecimentos em comunidade.

Diante da derrocada da experiência na modernidade, a arte narrativa também se viu em vias de extinção, pois fomos privados da faculdade que antes nos parecia inalienável, a saber: a de intercambiar vivências (Benjamin, 1980). Assim, a partilha de experiências se tornou escassa, uma vez que já não era possível permutar “memórias comuns que garantiam a existência de uma experiência coletiva” (Benjamin, 1985, p. 11). Em síntese, para que a narração exista, é necessário que haja uma troca de vivências possibilitada pela memória — memória que vem sendo degradada pelas estruturas capitalistas, como observa Crary (2023).

Além disso, novas formas de sociabilidade, nas relações de trabalho, contribuíram para a derrocada das narrativas. Os artesãos, por exemplo, conversavam e partilhavam vivências e lembranças enquanto trabalhavam em sua matéria-prima. Já no mercado moderno, as relações no comércio e nas indústrias, movidas pela pressa e pelo lucro, exigiam dos trabalhadores atenção difusa e passiva, sem espaço para troca de experiências.

Em acréscimo, a difusão de informações pela Indústria Cultural, amparada por ideologias de manipulação das massas, exerceu influência no declínio da narrativa. A constante exposição a inúmeros dados e fatos que já se apresentam com explicações impacta a arte narrativa, pois esta busca, justamente, esquivar-se de explicações. Em vista das informações pré-digeridas, os sujeitos desenvolveram uma percepção epidérmica, superficial, incapaz de engendrar memórias.

Regressando ao texto de Crary (2023), mas sem perder de vista as contribuições de Benjamin, temos a urgência de criar novos arranjos sociais e pessoais que abandonem a ideologia de mercado que, hoje, asfixia a vida em coletividade. Diante disso, Crary (2023) defende uma reconexão não só entre humanos, mas também destes com os outros seres vivos. Contudo, para que possamos nos reconectar, precisamos sair do estado de “apatia narcísica” — para usar uma expressão de Crary (2023) — que nos faz sujeitos conformados e indiferentes frente à realidade social e ambiental. Romper essa apatia exige, ainda, que nos desconectemos do complexo internético que insiste em nos fazer acreditar numa independência ilusória.

Com a internet, fomos levados a crer em nossa autossuficiência, em nossa capacidade de viver e de gerar lucros sem depender uns dos outros. Dessa forma, vemo-nos imersos numa falsa sensação de que o controle de nossa existência está a um clique de distância. Na era digital, gerimos nossas transações bancárias, nossas amizades nas redes e, até, nossas preferências conjugais em aplicativos de relacionamento sem precisarmos sair das telas de nossos computadores, tablets, celulares etc. Em contrapartida, perdemos a capacidade de gerenciar vínculos off-line, de substituir o “ao vivo” das mídias pelo “olho no olho” da vida real e coletiva. Nossos sentidos estão sendo estimulados de modo desigual. Nossa visão, por exemplo, é constantemente bombardeada pela simultaneidade de imagens e de dados que são postos diante de nós não só dia após dia, mas minuto após minuto. Ao contrário da visão, o tato tem sido pouco explorado, haja vista que, não raro, nossos afetos se dão à distância ou, para

retomar Drummond, pelo “sem-fio”. Muitas vezes, em nossa rotina diária, o tato só alcança a textura das telas do smartphone ou dos teclados do notebook.

Em meio à discussão sobre os reflexos da tecnologia na sociedade contemporânea, Caetano Veloso lança, em seu álbum “Meu coco”, de 2021, a música “Anjos Tronchos”. Já pelo título, a canção estabelece um diálogo intertextual explícito com o “Poema de Sete Faces”, de Drummond. No poema do itabirano, ouvimos a voz de um anjo torto, “desses que vivem na sombra”, dizendo: “— Vai, Carlos, ser gauche na vida” (Andrade, 2015, p. 10). Na música, Caetano Veloso (2021, n.p.) nos fala: “Os anjos tronchos do Vale do Silício, desses que vivem no escuro em plena luz, disseram: ‘vai ser virtuoso no vício’, das telas dos azuis mais do que azuis”. Com isso, frente à luminosidade das telas que emitem luz azul, encontramos-nos na contraparte do “escuro”, o qual pode ser lido como a paralisia da memória e das experiências. Quase já não vemos mais um azul real, como o do céu, sem os filtros das redes sociais que alteram as tonalidades e os modos de perceber a natureza e as outras pessoas. Afinal, conforme continua Veloso (2021, n.p.): “agora a minha história é um denso algoritmo, que vende venda a vendedores reais. Neurônios meus ganharam novo outro ritmo”. Nossas vivências epidérmicas e esvaziadas são programadas e restringidas por algoritmos que projetam e direcionam nossos desejos de consumo. Além disso, mediante a aceleração da armazenagem e divulgação de informações que exacerbam nossos sentidos, nossos neurônios cambiaram de ritmo. Essa alteração da dinâmica neuronal se presta, justamente, ao controle ideológico praticado pelo mercado neoliberal que está sob comando de “anjos já mi ou bi ou trilionários” (Veloso, 2021, n.p.).

Não por acaso, Jonathan Crary (2023) observa que os sistemas de comunicação no complexo internético são monopólios do conhecimento que se escondem sob as máscaras da “democratização”. Na realidade, dirá o autor, a internet é um mecanismo de manipulação cultural, ideológica e econômica. Isso se deve ao fato de que o complexo internético encarna um modelo estadunidense de consumo tecnológico que destrói culturas nacionais e que visa à produção em massa de comportamentos (Crary, 2023). Logo, a ideia de que as pessoas sem acesso à internet perdem oportunidades de emprego e de obter novos saberes esconde a estatística de que quanto maior o acesso às redes, maiores as desigualdades socioeconômicas. Nesse sentido, não basta afirmar que o acesso à internet é um direito de todo cidadão quando os

direitos humanos básicos, tais como saúde, educação, moradia e saneamento, sequer são garantidos a uma parcela considerável da população mundial.

Sendo assim, conforme assinala Crary (2023), as redes sociais não conduzirão à emancipação humana, na medida em que não sustentam mobilizações sociais duradouras voltadas para a inclusão de grupos minoritários nas discussões políticas, econômicas, culturais e ambientais. Portanto, o que ocorre é uma falsa inserção de pessoas não ocidentais no âmbito do complexo internético. Afinal, o neoliberalismo se empenha na homogeneização cultural e no controle ideológico, evidenciando o cruel legado do eurocentrismo na contemporaneidade. Num viés colonizador, o capitalismo insiste em propagar a distorcida noção de que os grupos mais periféricos do planeta aceitam, de bom grado, que a tecnologia ocidental se enraíze em suas vidas.

Diante disso, não podemos negligenciar, como lembra Crary (2023), o estado patológico da vida on-line, na qual somos sufocados por apetites insaciáveis, já que os desejos são artificialmente criados. O que é artificial pode ser reinventado várias vezes e vendido sob demanda como ambições legítimas de consumidores que creem estar no comando de suas escolhas, vontades e vivências. É dessa ilusão de autoconhecimento que o mercado capitalista se alimenta. Em acréscimo, o consumismo desenfreado engendra uma também desenfreada degradação ambiental, haja vista os gastos energéticos exorbitantes, a intensa atividade mineradora e petrolífera, o despejo de resíduos químicos no solo e na água, dentre outros. Assim, para que o sistema capitalista sobrevivesse, seria necessário um extermínio em massa que, aliás, já vem acontecendo a partir de medidas políticas e financeiras que causam fome, miséria, epidemias, conflitos étnicos etc. No Congo, como exemplifica Crary (2023), mais de 8 milhões de pessoas foram massacradas e tantas outras continuam perdendo suas vidas.

Nesse caminho, Jonathan Crary (2023) afirma de maneira cirúrgica que vivemos, hoje, a fase terminal do capitalismo: a etapa da “Terra arrasada”. Para o autor, a Terra arrasada é um lugar inabitável e incapaz de se regenerar. Trata-se de um espaço estéril e privado de água potável, com rios envenenados, ar poluído e solos agredidos pela seca e pela agricultura química. Esse cenário de catástrofe ambiental é ainda mais crítico no Sul global, onde o desmatamento, a extração e o despejo de resíduos tóxicos deram origem a lixões inabitáveis.

Em vista do exposto, Crary (2023) nos mostra que o capitalismo destrói o que sustenta a vida na Terra. Ainda assim, ele é entendido por muitos como um modelo econômico de sucesso

e para o qual não há alternativa plausível. Contudo, como adverte Crary (2023), a ideologia neoliberal quer nos tornar cômodos ao sufocamento da esperança e à impossibilidade de crer na restauração do mundo. Essa desesperança e descrença são alcançadas pelo desempoderamento dos jovens. Em outras palavras, o sistema capitalista, no complexo internético, busca conter a juventude e neutralizar a insurgência de rebeliões sólidas contra as ideologias neoliberais que devastam o meio ambiente e a humanidade em sua coletividade.

Dessa forma, os jovens, principalmente, são privados da capacidade de vivenciar o deslumbramento, isto é, de enxergar o mundo como se o vissem pela primeira vez. É a energia desse deslumbramento que é capaz de romper a desesperança de salvar o que ainda resta de saudável (ou menos deteriorado) da Terra. Para isso, precisamos descobrir novos estilos de vida que, como defende Crary (2023), devem ser off-line. Dito de outra forma, para escovarmos a realidade a contrapelo, é necessário reaprendermos a olhar, longe da miopia das telas, o mundo em suas cinzas e cores. É, pois, precípuo que saibamos ter o pasmo essencial para ver a “eterna novidade do mundo”, como nos ensina Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa (2005) em “O Guardador de Rebanhos”. Ao recuperar nossos sentidos, memórias, experiências e esperanças, teremos a possibilidade de resgatar a Terra e a nossa humanidade por olhar a realidade socioambiental com uma visão mais transparente do que aquela que nos é oferecida e imposta pelas lentes do universo on-line.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter *et al. Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 197-221.
- PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VELOSO, Caetano. Anjos tronchos. *In*: VELOSO, Caetano. *Meu coco*. São Paulo: Sony Music Brasil, 2021.